

“LÁ ADIANTE. MAIS TARDE. PORQUE VOCÊS NÃO TÊM IDADE AINDA”: DISCURSOS DE PROFESSORAS SOBRE O ADIAMENTO DA INICIAÇÃO SEXUAL

Laís Machado de Souza

*Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus de Jequié – Ba. E-mail:
laimachado18@hotmail.com*

Resumo

Esta pesquisa analisa os discursos sobre a iniciação sexual de adolescentes (re)produzidos por professoras durante encontros formativos mediados por artefatos culturais. A produção de dados foi feita por meio da gravação dos debates durante a discussão dos artefatos com duas professoras que lecionam a disciplina Educação para a Sexualidade em uma escola municipal dos anos finais do ensino fundamental em uma cidade do interior da Bahia. As professoras (re)produzem um discurso de incentivo ao adiamento da iniciação sexual dos/as adolescentes tendo como justificativa principal a associação que fazem entre início precoce da vida sexual, DST's e gravidez indesejada. Nesses discursos há ainda maior ênfase sobre o adiamento da iniciação sexual feminina do que da masculina, mostrando uma contradição entre reafirmação de ideais de liberdade da mulher em relação aos cuidados com a casa, filhos e companheiro e, ao mesmo tempo, tentativas de normatizar seu comportamento sexual.

Palavras-chave: Iniciação sexual, educação para a sexualidade, artefatos culturais, materiais educativos, formação de professoras.

Introdução

De acordo com Altmann (2006) a educação para a sexualidade desenvolvida nas escolas ainda parece estar focada no conhecimento do corpo, no desenvolvimento biológico-sexual e no intuito de que o/a adolescente se proteja da gravidez indesejada, da Aids e outras doenças sexualmente transmissíveis. Nesse sentido, uma das estratégias consideradas preventivas, muito utilizada nos processos educativos desenvolvidos nessa perspectiva, é a busca pelo adiamento da iniciação sexual dos/as escolares considerando que quanto mais cedo iniciarem a vida sexual mais vulneráveis estariam às DST's e à gravidez considerada precoce (TEIXEIRA e col., 2006).

Os debates em torno da iniciação sexual também perpassam pelas questões de gênero. As representações de ser homem e ser mulher ocupam espaço nos discursos familiares e escolares e demonstram uma grande preocupação em relação ao início da vida sexual das meninas, o que não é observada com tanta ênfase em relação à dos meninos (re)produzindo a ideia de que homens e mulheres lidam diferentemente com o desejo sexual, aumentando-se os apelos para que a iniciação sexual das mulheres ocorra mais tarde (ABRAMOVAY; CASTRO; DA SILVA, 2004).

Sobre essas estratégias normatizadoras, Alfredo Veiga-Neto (2016) reitera o quão importante foi a instituição escolar para a constituição da "sociedade disciplinar. De acordo com o autor, "a escola encarregou-se de operar as individualizações disciplinares, engendrando novas

subjetividades e, com isso, cumpriu um papel decisivo na constituição da sociedade moderna” (p. 70), o que faz da escola um dos locais onde o discurso sobre a sexualidade é muito controlado e moldado e, por isso mesmo, carece de intervenções problematizadoras. Oferecer essa possibilidade consiste em uma das relevâncias desse estudo.

Essa pesquisa justifica-se ainda pela importância de se analisar os princípios e critérios utilizados pelas professoras na interpretação dos materiais educativos, pois, isso leva a reflexão sobre suas percepções a respeito da iniciação sexual, saúde e relações de gênero no atual contexto sociocultural; aspectos importantes para o desenvolvimento do processo educativo.

Os objetivos propostos nessa pesquisa foram: analisar os discursos de professoras que ministram o componente curricular Educação para a Sexualidade em uma escola dos anos finais do ensino fundamental no município de Jequié-Ba, sobre a iniciação sexual dos/as estudantes e problematizar as possíveis implicações das questões de gênero presentes nos discursos das professoras sobre a iniciação sexual.

Metodologia

Este estudo é um recorte de uma pesquisa de mestrado concluída, realizada numa perspectiva pós-estruturalista na qual foram desenvolvidos encontros formativos sobre a interface sexualidade e saúde com três professoras que ministram o componente curricular Educação para a Sexualidade em uma escola dos anos finais do ensino fundamental da rede urbana, localizada no município de Jequié-BA.

Neste trabalho foi realizada uma análise dos discursos de duas das professoras (Afrodite e Vênus) produzidos por meio de entrevista semiestruturada durante o diagnóstico inicial e durante o desenvolvimento de dois dos oito encontros formativos que foram mediados por artefatos culturais.

O diagnóstico inicial buscou investigar as concepções iniciais dessas professoras em relação à interface entre sexualidade e saúde. Para tanto foi utilizada entrevista coletiva realizada na forma de uma dinâmica denominada “caixa de autoconhecimento”. A dinâmica consistiu em diversos questionamentos sobre os temas escritos em tiras de papéis dobrados e dispostos em uma pequena caixa. Cada professora sorteava uma questão a cada rodada e respondia a pergunta. Os questionamentos foram elaborados na primeira pessoa do singular configurando-se como uma autoentrevista com planejamento aberto, já que, as questões poderiam ser complementadas ou reestruturadas durante a realização da dinâmica. Flick (2009) justifica o uso da entrevista aberta nas

pesquisas qualitativas devido à expectativa de que esta leve os/as entrevistados/as a expressarem melhor os seus pontos de vista.

No primeiro encontro foi utilizada a oficina “Vulnerável, eu?” retirada do fascículo sobre prevenção das DST, HIV e Aids da série de fascículos “Adolescentes e Jovens para a Educação entre Pares”, vinculado ao Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE) que aborda a temática vulnerabilidade às Dst’s/Aids de maneira didática e lúdica trazendo sugestões de atividades em equipe e textos complementares sobre o assunto.

No segundo encontro foi trabalhada a história em quadrinhos sobre gravidez na adolescência: “A vida como ela é e as coisas como elas são” retirada das “Histórias em Quadrinhos – Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas” (HQs – SPE) que aborda os anseios, dúvidas e situações vivenciadas por uma adolescente que descobre uma gravidez não planejada e tem que lidar com as mudanças e desafios pessoais, familiares, afetivas, dentre outras.

Os dados produzidos foram gravados em áudio, transcritos e analisados de acordo com a Análise do Discurso que, segundo Caregnato e Mutti (2006, p. 680) é uma disciplina de interpretação que “trabalha com o sentido e não com o conteúdo do texto, um sentido que não é traduzido, mas produzido”; levando em consideração a concepção de discurso em uma perspectiva foucaultiana.

Resultados e discussão

A preocupação com a iniciação sexual dos/as estudantes é unanimidade entre as professoras participantes dos momentos formativos. A partir de muitas das falas delas durante os encontros formativos foi possível observar que seus discursos em torno dessa temática perpassam, muitas vezes, pelo campo da saúde. Nesse sentido, é importante problematizar alguns desses discursos evidenciando as situações das quais emergiram e as possíveis construções socioculturais neles (re)produzidas.

As professoras relataram que o tema “iniciação sexual” integra a grade de conteúdos do plano de ensino da disciplina Educação para a Sexualidade, contudo, a relevância da problematização dos discursos sobre o tema não possuem relação com o fato de ser um conteúdo trabalhado pelas professoras, mas com os possíveis significados que esses discursos carregam/propagam e suas implicações no processo educativo em sexualidade.

O “momento certo” para a iniciação sexual dos/as estudantes foi, desde a realização do diagnóstico inicial, elemento de preocupação nas falas de Afrodite e Vênus sendo reiterado, por

diversas vezes, durante as discussões dos materiais educativos nos encontros de formação. Contudo, nenhum dos artefatos utilizados trouxe o tema como conceitos-chave, tendo este surgido a partir das correlações que elas fizeram com outras temáticas.

Vênus relata uma experiência vivenciada com a mãe de um de seus alunos da disciplina, que procurou a coordenação da escola no início do ano letivo para questionar os conteúdos que seriam abordados na disciplina de EPS, pois, soube pelo filho que seus/suas colegas haviam insinuado que a função da disciplina seria “ensinar ousadia”. Diante do questionamento da mãe, ela se pôs a explicar do que realmente se tratava a disciplina e explicitar seus conteúdos, tanto para a mãe do garoto quanto para a turma. Um trecho de sua fala direcionada à turma, reproduzido por ela durante o diagnóstico inicial, que já trazem elementos que caracterizam a preocupação em adiar a iniciação sexual dos/as estudantes:

Falamos também da iniciação sexual pra quando vocês tiverem necessidade, que forem rapazes ou mocinhas. Lá adiante, mais tarde, porque vocês não têm idade ainda, já sabem como se portar, como evitar doenças, como encarar um namoro, como encarar as pessoas. (Vênus. Diagnóstico inicial. *Grifos meus*).

Há um receio na fala da Vênus de estar sendo, de alguma forma, mal interpretada pelos/as estudantes e isso gerar novas interferências de familiares na escola. Contudo, o discurso dela sobre a iniciação sexual denota também as suas concepções iniciais sobre o assunto, evidenciando a preocupação em falar dele, de tal forma que, não venha a influenciar os/as adolescentes a iniciarem sua vida sexual precocemente.

O estudo realizado por Azevedo e Souza (2016) no ano de 2013 com professoras da mesma disciplina no município de Jequié mostra que muitas educadoras têm receios de, ao falar sobre sexo, estarem incentivando os/as estudantes a praticá-lo, o que, para alguns valores socioculturais, em especial os judaico-cristãos, seria desviá-los/as. Nesse sentido, o presente estudo também mostra que a intencionalidade de se abordar a iniciação sexual nesse ambiente tem como objetivo proteger os/as alunos/as dos perigos que a vivência imatura dos desejos sexuais representa. Segundo Guacira Louro

é preciso manter a "inocência" e a "pureza" das crianças (e, se possível, dos adolescentes), ainda que isso implique no silenciamento e na negação da curiosidade e dos saberes infantis e juvenis sobre as identidades, as fantasias e as práticas sexuais. (LOURO, 2000, p. 20).

Essa noção está também representada pela fala da professora durante um dos momentos formativos:

Uma menina me perguntou: E vai ter que esperar a mãe deixar, é? Eu disse; não. Não é isso não. Você vai ter que ter maturidade para lidar com as questões que vêm depois do ato sexual, por que o ato sexual não é só chegou ali, namorou, pronto e fez. Você tem que conhecer seu ciclo menstrual pra saber evitar filhos; usar todos os métodos contraceptivos e também aqueles que impedem uma DST, entendeu? [...]. E aí vocês não estão preparadas pra essas coisas porque vocês são muito novinhas. Vocês começaram a puberdade agora

então, não precisam ter essa pressa toda para começar (Vênus. III encontro. Oficina de vulnerabilidade. *Grifos meus*).

A maturidade ou a falta dela é, nesse sentido, deslocada, exclusivamente, para o campo da idade biológica, como quando a professora diz: “Lá adiante. Mais tarde, porque vocês não têm idade ainda”. Ao falar isso, reafirma o discurso de uma idade mais adequada para iniciação sexual. Mas, será que essa idade existe? É possível estabelecer padrões de iniciação sexual “responsável” levando em conta apenas aspectos temporais?

O receio quanto à irresponsabilidade dos/as adolescentes e jovens em relação à sua vida sexual é também discutido no trabalho de Kaestle e col. (2005), que afirmam que há uma noção geral, inclusive por meio de trabalhos de cunho epidemiológico, de que a iniciação sexual por pessoas muito jovens seria um fator de risco para a gravidez na adolescência e para a aquisição de DSTs, entendendo que o comportamento na primeira relação sexual tenderia a ser reproduzido nas relações posteriores podendo ser, inclusive, mantidos pelo resto da vida (TEIXEIRA e col., 2006). Dentre esses trabalhos, importante destacar as pesquisas de Paiva e col. (2008) e Bretas e Silva (2011). Eles/as constataram que nas últimas décadas, a antecipação das idades feminina e masculina para a iniciação sexual tem levado a um aumento na taxa de fecundidade entre os jovens.

Apesar dos resultados das pesquisas apontarem que há motivos para o receio das professoras em relação à iniciação sexual precoce, tendo em vista a associação negativa que fazem entre concepção e adolescência, questiona-se a efetividade do processo educativo em sexualidade quando baseado em prescrições de normas de condutas como o discurso do “momento certo”. A história da sexualidade traz elementos suficientes para duvidar e problematizar essas posturas regulatórias e controladoras, supostamente educativas, a exemplo da própria repressão e controle dos comportamentos sexuais dos considerados grupos de riscos durante o início da epidemia da Aids, cujos resultados não refletiram na diminuição dos números sendo necessária a busca por novas abordagens (PARKER, 2015).

As falas de Vênus em relação à “hora certa” também remetem à Foucault quando faz alusão ao dispositivo da sexualidade que se instaurou a partir do século XVIII:

Cumpra falar do sexo como de uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar, mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo. O sexo não se julga apenas, administra-se (FOUCAULT, 1988, p.27).

Até que ponto essa regulação e administração do sexo do qual já falava Foucault tem sido significativa para os/as adolescentes a ponto de levarem-nos/as a adotarem medidas preventivas em relação à vivência de sua sexualidade? E mais: será que o papel da educação de formar sujeitos

críticos e capazes de tomadas de decisões autônomas está sendo cumprido, respeitando a sexualidade como um campo de busca por autonomia de projetos e práticas?

A associação das práticas sexuais com a culpa, perigo ou com o pecado também representa uma realidade recorrente nos processos educativos em sexualidade na escola, funcionando, muitas vezes, como barreiras culturais que dificultam a abordagem do tema de maneira menos preconceituosa, tornando a iniciação sexual um processo repleto de silêncios e reprovação moral como se nota na fala de Afrodite:

E eu falo assim: tem que ser no seu tempo. E eu falo mais: tem que pensar nos seus valores familiares também pra depois não ficar com culpa, né? (Afrodite. Revista em quadrinhos SPE – gravidez na adolescência).

Esse silenciamento se torna bem mais intenso com a interferência da família na escola destacada no relato da experiência vivenciada por Vênus e também na fala de preocupação de Afrodite em relação aos ditos valores familiares.

Além disso, as diferenças construídas entre os gêneros e que delimitam seus papéis e comportamentos também se mostraram presentes nos discursos das professoras sobre a iniciação sexual. Há uma maior preocupação relatada com o início das vivências sexuais das meninas do que dos meninos deixando transparecer que se trata mais do que uma preocupação com a vulnerabilidade às DST,s. Ao relatar sobre as orientações sobre sexualidade que apresentam aos/às estudantes, Afrodite expõe um relato de conselhos que dá, especialmente, às suas alunas em relação à iniciação sexual:

Eu passo isso pra minhas alunas: olha meninas procurem arrumar primeiro a vida profissional de vocês. Não é que não pode namorar. Namora, mas pensa que ao dar um passo em relação à vida sexual exige responsabilidades. É complicado (Afrodite. Revista em quadrinhos SPE – gravidez na adolescência).

Percebe-se na fala de Afrodite motivações relativas à preocupação com a liberdade e independência da mulher. Pare ela, a iniciação sexual considerada precoce poderia gerar consequências que limitaria a liberdade da mulher devido às novas responsabilidades que uma gravidez não planejada ou um relacionamento traria. Nesse sentido, foi possível perceber na fala da professora a noção de que a menina estaria desperdiçando possíveis oportunidades; como se a adolescente tivesse que se submeter precocemente ao lugar exclusivo de mãe, esposa e dona de casa do qual as mulheres, por tantos anos e por meio de muitas lutas, vem tentando se desvencilhar (HEILBORN e col., 2002).

Apesar de se haver nesse discurso elementos que caracterizem a busca pela liberdade e empoderamento da mulher, também foi possível notar que isso se dá por meio de outra ferramenta de controle: a da sexualidade. Embora a conquista da independência profissional da mulher e sua

autonomia seja estimulada, isso ocorre por meio de um discurso de vigilância em relação à vivência dos prazeres. É sensato pensar sobre isso para que não se incorra no risco de pregar determinados ideais de liberdade negando-a.

Sobre o início da vida sexual e as questões de gênero, Vênus ainda traz um fala interessante em que articula discursos relativos a aspectos socioculturais envolvidos na iniciação sexual de meninos e meninas e como isso pode ser um fator de vulnerabilidade para os/as estudantes:

*Os meninos mesmo sedem muito a pressão: “Ah! Porque se tu não pegar fulano é porque tu é gay”, ou as meninas ceder aos namorados, que elas não querem no momento, não tão se sentindo seguras pra ter relação sexual, mas vai apenas porque não querem perder o namorado. Você quer ficar, você quer namorar? Não precisa começar namorar e logo ter relação sexual. **Você precisa ficar primeiro com a pessoa, ir conhecendo... O momento de ficar é isso... é ir conhecendo várias vezes ficando com aquela pessoa... sair, conversar e quando você namora a coisa é mais séria, já envolve a família... e se aquela pessoa for barra pesada? Eu converso muito com eles sobre isso, pra que eles tenham consciência dessa situação de vulnerabilidade que pode estar dentro duma relação, entendeu?** (Vênus. Oficinas sobre vulnerabilidade. *Grifos meus*)*

Vênus demonstra compreender a importância do processo educativo em sexualidade a partir das noções de vulnerabilidade. Quando fala das diferentes pressões quanto ao momento e circunstâncias da iniciação sexual às quais estão sujeitos/as meninas e meninos ela põe em discurso não apenas a noção de risco baseada em comportamentos considerados perigosos, percebendo que fatores de ordem cultural e social estão implicados na menor ou maior vulnerabilidade dos/as jovens diante de suas relações sexuais. Assim, ela coloca em evidência as três questões de ordem prática referentes à vulnerabilidade proposta por Meyer e col. (2006): vulnerabilidade de quem? Vulnerabilidade a quê? Vulnerabilidade em que circunstâncias ou condições?

Perceber que as relações e papéis de gênero estão sendo colocadas em discurso pela professora, numa perspectiva problematizadora buscando compreender as possíveis situações de vulnerabilidade que esses fatores, possivelmente, acarretam, leva a acreditar na viabilidade e iminência de um processo educativo em sexualidade e saúde mais contextualizado e menos biologista/naturalista focado na culpabilização das pessoas diante de sua saúde sexual.

Conclusões

As professoras demonstraram em seus discursos uma visão reducionista da sexualidade vinculada a aspectos biológicos, como a existência de “idade certa” para iniciação sexual e também normativos, como afirmar que os/as adolescentes não devem iniciar a vida sexual por não estarem preparados/as.

Apesar disso, é possível vislumbrar novas perspectivas no trabalho com a educação para a sexualidade, tendo em vista o reconhecimento das vulnerabilidades juvenis por parte das

professoras, ainda que muitos desses discursos a respeito das vulnerabilidades também careçam se colocados em dúvida. Nesse contexto, o papel do/a pesquisador/a é o de, assim como afirmou Foucault,

[...] mostrar às pessoas que elas são muito mais livres do que pensam ser; que elas tem por verdadeiros, por evidentes alguns temas que foram fabricados num momento particular da história, e que essa suposta evidência pode ser criticada e destruída (FOUCAULT, 1994, p.778).

Referências

- ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G.; E SILVA, L. B da. **Juventude e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.
- ALTMANN, H. Sobre a educação sexual como um problema escolar. **Revista Linhas**. v. 7, n. 1, Santa Catarina: Florianópolis, 2006.
- AYRES, J. R. C. M.; FRANÇA-JUNIOR, I.; CALAZANS, G. J.; SALLETI FILHO, H. C. O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios; In: CZERESNIA, D.; FREITAS, C. M. (Org.). **Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências** [online]. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.
- AZEVEDO, S. M. M. M.; SOUZA, M. L. de. O ensino da sexualidade em um componente curricular específico: regulações e escapes. **Ensino em Re-Vista**. Uberlândia-MG, v. 23, n. 2, p. 367-386, 2016.
- BRETAS, J. R. da S; SILVA, C. V. Aspectos da sexualidade na adolescência. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, n. 7, p. 3221-3228, 2011.
- CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso *versus* análise de conteúdo. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, n.15, v.4, p. 679-684, 2006.
- FLICK, W. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.
- Foucault, M. (1988). *História da sexualidade: a vontade de saber*. 11 ed. Rio de Janeiro: Graal.
- FOUCAULT, M. **A história da sexualidade 2: O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1994.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988
- HEILBORN, M. L.; SALEM, T.; KNAUTH, D. R.; AQUINO, E. M. L.; BOZON, M.; ROHDEN, F.; VICTORA, C.; McCALLUM, C. & BRANDÃO, E. R. Aproximações socioantropológicas sobre a gravidez na adolescência. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 8, n.17, p. 13-44, 2002.

- KAESTLE, C.E; HALPERN, C.T; MILLER, W.C; FORD, C.A. Young age at first sexual intercourse and sexually transmitted infections in adolescents and young adults. **Am J Epidemiol.** v.161, n.8: p. 774-80, 2005.
- LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L.(Org.). **O corpo educado.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- PAIVA, V.; CALAZANS, G.; VENTURI, G.; DIAS, R. Idade e uso de preservativo na iniciação sexual de adolescentes brasileiros. **Rev Saude Publica**, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 45–53, 2008.
- PARKER, R. **O fim da AIDS?** Rio de Janeiro: ABIA, 2015.
- TEIXEIRA, A. M. F. B.; KNAUTH, D. R.; FACHEL, J. M. G.; LEAL, A. F. Adolescentes e uso de preservativos: as escolhas de jovens de três capitais brasileiras na iniciação e na última relação sexual. **Cad. Saúde Pública**, São Paulo, v. 22, n. 7, p.1385-1396, 2006.
- VEIGA-NETO, A. **Foucault e a Educação.** 3ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.